

INCENTIVO E DESAFIO À EVANGELIZAÇÃO

SÉRIE: CONFERÊNCIA EVANGELÍSTICA



PRELETOR: ARMANDO BISPO
DATA: 30-11-2008
MENSAGEM: 04 (Culto)

Quero louvar a Deus pela oportunidade de estar servindo na comunidade de Fortaleza, e vendo o evangelho de Jesus penetrar as mais diversas camadas da sociedade, numa igreja que viveu durante muito tempo com um número bem restrito de membros, e se orgulhava de ser guardião da fé, da Palavra e da santidade, mas pouco fazia para alcançar os perdidos que estavam fora das quatro paredes do templo. A Igreja Batista de Fortaleza (IBF) tem uma característica de desinstalação. Ela é muito forte desde que chegamos lá. Nessa época era formada por dezoito pessoas e tínhamos um templo muito bonitinho, bem tradicional, com um púlpito, a mesa e o batistério atrás, bem característica e bem burocratizada. Com o tempo o Senhor foi nos ensinando não apenas a absorver os princípios de Jesus, o seu ide, o seu estilo de vida, que nunca se identificou com a religiosidade do *status quo* sacerdotal e judaico. Muito pelo contrário, quando Jesus ia ao templo Ele tinha finalidades muito claras. Ele chegou ao ponto de expulsar pessoas que vendiam e negociavam no templo. Naquele texto quando Jesus expulsa os cambistas não era porque no templo fosse proibida qualquer tipo de transação comercial, porque o templo judaico era também uma espécie de banco. Pessoas vinham de longe e lá faziam câmbio da moeda para comprar a ovelha ou a rolinha, o cereal, a fim de que fosse ofertado. Então a transação comercial no templo não era o problema, mas era que o local designado para os gentios no templo acabou sendo ocupado para negociação. Quando Jesus expulsa os cambistas Ele está dizendo: “Aqui não é lugar, vocês estão ignorando o fato de que a adoração ao meu nome inclui todas as nações, vocês não estão deixando espaço”. E quando Jesus inaugura a igreja, Ele inverte a lógica, Ele fala na destruição da estrutura do templo a fim de que agora o povo no poder do Espírito Santo não mais atraísse pessoas ao templo, mas fossem os templos ambulantes entrando nas mais diversas áreas da sociedade. Demorou muito para a nossa igreja entender isso, tivemos que quebrar alguns ícones que nós construímos. Todo valor, todo princípio com o passar do tempo nós, seres humanos, transformamos em ícones ou criamos ícones ao redor. O templo, o lugar de adoração, o santuário - usamos as linguagens sacerdotais como: o pastor, o intercessor, o ungido, o ministro. Criamos sempre esses ícones humanos e logísticos, que na verdade acabam nos distanciando da

leveza, da flexibilidade, do poder adaptador, restaurador e renovador do evangelho de Jesus. Nós fizemos isso na nossa igreja. Eu estava evangelizando o dono de uma farmácia de Fortaleza, logo nos primeiros anos que estava lá e ele me perguntou se eu queria vender a propriedade da igreja. Ele tinha um depósito da farmácia contíguo ao templo e tinha interesse em comprá-lo para armazenar mais remédios. Eu estava falando de Jesus para ele e ele falando de negócio comigo. Eu disse: “Nós estamos pensando em vender mesmo, pois meu sonho era desinstalar a igreja daquele lugar que representava um verdadeiro templo judaico, e nós precisávamos nos livrar daquilo para compreender que a igreja não é o prédio, são as pessoas, atuando sete dias na semanas, vinte e quatro horas por dia, momento a momento, com o poderoso evangelho de Jesus. Nós tínhamos avaliado aquela propriedade em mais ou menos quatro milhões de cruzeiros na época e ele perguntou por quanto nós estávamos pensando em vender a propriedade. Eu disse: “provavelmente por uns dez milhões”. Ele disse: “Eu gostaria de pagar isso a prazo, vocês aceitam”? Eu respondi que achava que a igreja não aceitaria, então ele fez na hora um cheque de três milhões e disse que quando a documentação ficasse pronta ele daria os sete milhões que faltavam. Naquela hora eu não titubeie, recebi o cheque, assinei o recibo e liguei para os líderes da igreja e disse: “Vendi o templo, acho que vou ser expulso da congregação mas tudo bem”. Um líder da igreja que eu tinha levado à Cristo a pouco tempo disse: “Mas pastor, e os diáconos, e a sessão?” Eu disse: “Não sei, por dez milhões não era possível não vender”. Ele respondeu: “É pensando bem, é tanto dinheiro que acho que eles vão ceder”. Assim vendemos o templo. Dali fomos para um hotel, depois fomos para um local que era um prostíbulo que havia sido fechado por causa de tráfico de cocaína. Nós alugamos ali e construímos uma palhoça, envolvendo o povo na construção de um prédio que tinha tudo a ver com o nordestino, a palhoça. Fizemos também um colégio, depois fomos para um colégio maior e assim a igreja foi crescendo, chegando a mil pessoas. Então fomos para um ginásio onde montávamos e desmontávamos todo o templo aos domingos. O povo trabalhava, os voluntários envolvidos, e a igreja com a noção de que ela não estava mais situada num templo. Ela perdeu o referencial do templo e isso ajudou demais, a igreja começou

a compreender que nós somos o templo do Espírito Santo. Eu e você somos a igreja de Jesus Cristo que vai estar por aí, nas ruas, nas escolas, nos departamentos públicos, nas empresas, e assim somos a igreja em ação. Desse modo voltamos à lógica de Jesus, o ide, que não quer dizer ir à África, às tribos indígenas desconhecidas. O ide quer dizer: ide trabalhar amanhã e leve o meu evangelho, a minha Palavra. É por isso que a igreja é espetacularmente e apropriadamente chamada de corpo de Cristo vivo, porque nós somos as mãos, a boca, o coração, a cabeça, o toque, os pés de Jesus andando por aí. Ninguém vai conhecer o amor de Jesus senão através das nossas vidas, e não através de uma propriedade. O lugar do templo nós podemos até usar para convidar nossos amigos, como aconteceu com um grupo de jovens que veio jogar bola aqui na IBCU e graças a quem os convidou (corpo de Cristo) e que investiu, gastou seu tempo e amor para com eles, eles conheceram uma pitadinha da Palavra e do amor de Jesus.

Então, na IBF invertemos a lógica e depois que passamos um período realizando culto no ginásio, fomos para a BR 116, longe do centro da cidade para não termos problema com barulho e nem com estacionamento, pois o número de membros já havia saltado da casa de mil para dois mil. Quando estávamos prontos para construir um tremendo prédio, cujo orçamento estava em torno de seis milhões de reais, e que seria construído em três fases, o Senhor me tocou. Eu estava numa reunião de líderes, numa grande campanha para motivar a construção do auditório, o Senhor me tocou numa passagem de Isaías 54, cujo texto diz: *“alarga o espaço da tua tenda, estende-a para a direita e para a esquerda porque eu vou fazer transbordar”*. Naquele dia eu fiquei incomodado e disse para o pessoal: “Eu estou aqui para dar uma palavra de estímulo mas acho que não é nada disso que planejamos. Nós tínhamos as plantas todas pagas, tudo correto, era só lançar a campanha, e Deus nos fez construir ali uma tenda maravilhosa, aberta, parecendo a tenda de Moisés. Ela tem um ar de tabernáculo, de algo passageiro, aberta de todos os lados, não tem portas. Como é maravilhoso a gente perceber a importância de um povo que precisa ser lembrado todo tempo que a igreja somos nós, que tudo o que Jesus nos ensinou sobre alcançar e tocar o perdido, tem a ver com esta desinstalação. A IBCU me chamou para uma conferencia sobre o assunto: “Eu me importo com as pessoas não alcançadas”, e o que eu tenho a dizer é que é óbvio que nós queremos trazê-las para o nosso convívio, para o grande ajuntamento e para o pequeno ajuntamento, a nossa koinonia. Entretanto, acima de tudo nós temos que continuar cumprindo o ide de Jesus e compreender que elas precisam ser alcançadas onde elas estão. Com isto em mente eu quero mencionar Marcos 2. 1-12: *“Poucos dias depois, tendo Jesus entrado novamente em Cafarnaum, o povo ouviu falar que ele estava em casa. Então muita gente se reuniu ali, de forma que não havia lugar nem junto à porta; e ele lhes pregava a palavra. Vieram alguns homens, trazendo-lhe um paralítico, carregado por quatro deles. Não podendo levá-lo até Jesus, por causa da multidão, removeram parte da cobertura do lugar onde Jesus estava e, pela abertura no teto, baixaram a maca em que estava deitado o paralítico. Vendo a fé que eles*

tinham, Jesus disse ao paralítico: “Filho, os seus pecados estão perdoados”. Estavam sentados ali alguns mestres da lei, raciocinando em seu íntimo: “Por que esse homem fala assim? Está blasfemando! Quem pode perdoar pecados, a não ser somente Deus?” Jesus percebeu logo em seu espírito que era isso que eles estavam pensando e lhes disse: “Por que vocês estão remoendo essas coisas em seu coração? Que é mais fácil dizer ao paralítico: Os seus pecados estão perdoados, ou: Levante-se, pegue a sua maca e ande? Mas, para que vocês saibam que o Filho do homem tem na terra autoridade para perdoar pecados” - disse ao paralítico - “eu lhe digo: Levante-se, pegue a sua maca e vá para casa”. Ele se levantou, pegou a maca e saiu à vista de todos, que, atônitos, glorificaram a Deus, dizendo: “Nunca vimos nada igual!”

Oremos: Senhor é a tua Palavra sendo exposta ao teu povo. Senhor aqui está também a presença poderosa do Espírito Santo, capaz de nos convencer de pecados, de iluminar os nossos corações, mentes e entendimento, para a compreensão desta verdade maravilhosa contida nessa porção da tua Palavra. Aqui também Senhor está o teu servo, e eu me submeto para que aquilo que for dito aqui Senhor, tenha o efeito que estiver no Teu coração e na Tua vontade. Que haja Senhor a sensibilização do teu povo para que se importem com aqueles que estão aqui e que estão lá fora. Que o teu evangelho seja pregado Senhor, na base da misericórdia, do esforço capaz de sacrificar qualquer coisa para ver uma vida sendo transformada pelo poder do evangelho de Jesus. Pedimos-te Senhor apenas para a glória do Teu nome, pedimos-te em nome de Jesus, Amém.

Jesus está em Cafarnaum que era uma das cidades sede do seu ministério localizada a poucos quilômetros de Nazaré, cidade onde Jesus passou a sua infância, e onde ele havia sido rejeitado, por pouco tempo. Jesus está em casa, num ambiente familiar, talvez na casa de Pedro. Sua fama já corria por toda parte e dada a importância da hospitalidade, o judeu não ia fechar as portas às pessoas. Os grupos iam chegando, fazendo com que muitas pessoas nem conseguissem chegar próximo de Jesus, ou seja, alguns não teriam acesso, a casa estava lotada.

Neste texto temos alguns personagens, sendo Jesus a figura central, Deus que se fez gente, cheio de compaixão e poder. Porém, Jesus limitado na sua forma humana, não podia estar em todos os lugares, nem tocar todas as pessoas e nem curar todo mundo. Também nem todos podiam alcançá-lo, tocá-lo ou vê-lo e ouvi-lo de perto.

Neste grupo também temos os escribas e fariseus que são os típicos religiosos, estudiosos da Palavra, articuladores e conhecedores profundos da Palavra, acadêmicos e intérpretes da Palavra. Estes homens por alguma razão gostavam de estar perto de Jesus, mas com um intuito diferente dos demais. A multidão carente, doente, em busca de um alento, de cura ou uma palavra, se aproximava de Jesus só para dizer: “Tem misericórdia de mim, salva-me, cura-me”. Os catedráticos da lei já tinham outra intenção, queriam pegar Jesus no contrapé, promover o debate público na tentativa de desmoralizar esse pretenso rabino, que não tinha uma roupa típica, que não se

identificava com um grupo rabínico, e não tinha uma escola como Hilel e Shamaí. A intenção era derrubá-lo, contradizê-lo. A casta religiosa da época eram pessoas que se achavam santas, impecáveis, conhecedoras das escrituras, estavam sentados à volta de Jesus não para aprender com Ele, mas para debater com Ele ou pegá-lo em algum tropeço. Esses eram homens que buscavam o aplauso do povo, mas não tinham um pingão de compaixão por este povo. Estavam querendo ser bem vistos, bem quistos, admirados pela sua capacidade de articulação da Palavra na sua profundidade. Eles buscavam aprovação e aplauso das pessoas, mas o conhecimento que tinham das escrituras não foi capaz de gerar no coração deles, compaixão e misericórdia.

A Parábola do samaritano nos ensina que tanto o levita quanto o sacerdote passaram ao largo daquele indivíduo deitado na beira do caminho, porque eles estavam agora quites com suas obrigações religiosas. Eles acabaram de sair do templo, estavam voltando para casa e não tinham tempo para aquele indivíduo assaltado à beira do caminho e que estava quase morto.

A minha caminhada com Jesus começou alguns anos atrás, depois veio o seminário, depois um estudo fora, de pós-graduação. Um dos lugares mais áridos por onde eu andei foi exatamente neste ambiente de pós-graduação. Eu me lembro que meu professor dizia: “Lá no centro da cidade existe um lugar onde após o expediente os bêbados tomam banho e tomam uma sopa depois. Mas antes da sopa há uma pregação da Palavra de Deus. O meu professor de evangelismo, no meio dos acadêmicos dali dizia: “quem gostaria de ir a esse lugar para pregar a eles? Ele tinha que fazer um sermão de quase meia hora para tentar convencer alguém a fazer aquilo, porque todos estavam muito ocupados com seus trabalhos acadêmicos, e estar perto de bêbados não era alguma coisa muito interessante. Mas eu estava ali, mal falava inglês, talvez com um interesse misto, primeiro porque eu gostava de estar no meio desse povo, era o que eu fazia aqui em São Paulo. Não sei por qual razão, eu não tenho nenhum alcoólatra na minha família, mas bêbado era algo que sempre me atraía. A outra razão era porque eu não sabia falar inglês direito e lá era o melhor lugar para eu praticar o inglês. Então toda vez eu dizia: “Professor, eu vou”. Eu tenho recordações de um dos lugares mais tremendos, onde se podia ver a graça de Jesus passando, e não era só o sermão, era um abraço, um aperto de mão, uma identidade com aqueles homens que antes de tomarem a sopa, tinham que ouvir a Palavra de Deus de qualquer jeito. Às vezes o ambiente mais árido é aquele em que se enche a cabeça de informação bíblica, mas não corresponde à nossa ação de misericórdia e compaixão. Eram assim esses homens que estavam ao redor de Jesus. Esse grupo cerca Jesus e dificulta o acesso dos reais necessitados. Eles estão na grande congregação, eles assumem lugares estratégicos, ocupam cargos na igreja, mas às vezes o seu intuito é simplesmente sugar cada vez mais informação, e às vezes buscar ocasião para criticar a iniciativa daqueles que querem incluir os perdidos e trazê-los para o meio do corpo de Cristo. Tudo é tão difícil, tão burocrático.

Além de Jesus, dos escribas e dos fariseus, nós temos a multidão, um grupo grande de pessoas. Diz o texto que eles estavam à porta, dentro e fora da casa, com certeza eram curiosos interessados no ensino de Jesus, talvez nos milagres de Jesus. Os religiosos gostam do formato do culto, mas não percebem a presença do Senhor no culto. Muitos impediam a entrada ou a aproximação daqueles que gostariam de estar mais perto de Jesus, por necessidade, por dependência, por dizerem: “eu preciso, nós precisamos.” Outros preferiam a periferia mesmo, estavam lá fora batendo papo, sem nenhum envolvimento que mudasse o seu modo de pensar e agir. Hoje nós temos na nossa igreja uma multidão de cerca de três mil e quinhentos a quatro mil pessoas e às vezes alguém da área de recepção vem dizer que há um pessoal que fica lá fora só batendo papo, nem entram e nem saem. Mas a propriedade lá é tão grande, tão larga que eu disse: “Não se importem com isso, pelo menos eles estão nos arredores. Vamos então colocar caixas de som tão alto que é impossível qualquer outro tipo de conversa. Deixa o povo entrar, é a multidão, uns querem, outros não, uns vêm por obrigação, outros preferem a periferia mesmo. Creio que podemos classificar a multidão de hoje com os mesmos parâmetros daquela que estava ao redor de Jesus. Há os que se envolvem, há os que não se deixam envolver, mesmo dentro da igreja. Jesus está sendo proclamado, há uma dinâmica do espírito de graça e misericórdia para esta cidade, para esta vizinhança, mas há os que aqui estão que nem querem envolvimento, nem se envolvem e nem se deixam envolver. São como nozes dentro de um vidro. Você toca no ombro, você vê a nuca, você sabe o corte de cabelo, mas você não vê o coração. Um ambiente como este não admite a entrada daqueles que estão quebrados, como uvas frágeis. Nessa passagem há também os quatro amigos do paralítico. Eles estão lá fora, eles chegam, mas eles estavam lá fora. Diferentemente da multidão eles querem mais do que informação, eles querem envolvimento, eles tiveram contato com Jesus, senão eles não trariam aquele paralítico para estar com Jesus. Eles sabiam da importância do contato com o Cristo Jesus. Mas certamente eles não eram intelectuais, não estavam lá tentando beber, aprofundar. Eles não queriam isso, eu acho que eles eram como aquele cego à porta da igreja que quando recebe o milagre sai rapidamente pulando de alegria, e contando o acontecido. Eles saíram logo depois que receberam a graça de Jesus, foram tratados e cuidados por Jesus, às vezes um toque do Senhor. Eles saíram correndo, falaram: “vamos embora, vamos fazer alguma coisa, é maravilhoso demais.” O amor de Jesus não pode ser algo só para nós, tem que passar por nós, estamos sendo curados, estamos no processo, vamos lá fora. Diferentemente da multidão eles querem mais que informação, querem envolvimento e vão fazer o possível para conduzir o amigo necessitado até Jesus. De algum modo eles reconheceram a graça e estavam dispostos a repartir com alguém ainda mais carente dessa graça. Estes são os que receberam o pleno perdão e a graça restauradora e não conseguem resistir ao privilégio de compartilhar.

A seguir temos o paralítico. Este é o homem que traz

no seu corpo as marcas do pecado, é uma paralisia não congênita, pois além do físico, nele havia algo que carecia de perdão. Jesus falou em perdoar os seus pecados. Esse era um homem rejeitado pela sociedade, discriminado e alvo de preconceito, como aquele indivíduo que estava no tanque de Betesda. Este esperava que alguém o colocasse lá dentro para o mover das águas por um ser que baixava ali e mexia nas águas, ninguém sabe se aquilo era um anjo bom ou um anjo mau, mas ninguém tinha compaixão para colocá-lo lá dentro. Jesus por sua graça o curou sem mesmo tocar nas águas. O parálítico era assim também, rejeitado, alvo de preconceito ou talvez um preconceituoso, impossibilitado de agir como alguém da multidão, impossibilitado de chegar aos mestres da lei ou de estar com eles, ali bem pertinho de Jesus, e impossibilitado de chegar até Jesus. Para mim, esse parálítico me faz lembrar aqueles que estão longe da fonte de água viva que nós encontramos, do Jesus que nos restaura, nos perdoa, nos limpa, nos lava e nos dá esperança de vida eterna. São aqueles que estão impregnados pelo pecado e suas consequências somatizantes. Estão doentes e carentes e nem sempre admitem a sua falência múltipla, do corpo e da alma. Eles precisam, mas não querem ou ainda não conseguem o acesso ao poder de Jesus, pois muitas vezes nós sonegamos o acesso. Eu me lembro daquela primeira igreja de Fortaleza, onde era terrível para uma pessoa entrar ali. Era um lugar cavernoso, escuro, de difícil acesso. Tinha que entrar por uma grade, depois dela tinha um biombo, e depois os diáconos e depois destes a multidão. Quando um indivíduo entra, ele é diferente, ele tem uma roupa diferente, um cabelo diferente, um jeito diferente, ele não se enquadra no nosso perfil. A gente olha como quem diz: “O que é que você veio fazer aqui? Quem te trouxe com esse brinco no nariz, com esse *piercing*, essa argola na orelha, parecendo um índio civilizado?” Esse é o parálítico. O fato é que os amigos se importaram, estenderam a graça de Jesus onde as pessoas necessitadas estavam e aquele parálítico estava. Ele foi carregado, atraído para um encontro pessoal e restaurador com Jesus. No capítulo 2. 1-2 diz: “*À casa em Cafarnaum muitos afluíram nem mesmo junto à porta acharam lugar, Jesus ensinava a Palavra*”. Aqueles quatro homens venceram os preconceitos. No verso 3 diz que alguns foram ter com ele conduzindo um parálítico levado por quatro homens. O parálítico era uma pessoa rejeitada por causa do estigma da doença e do seu pecado mas ele encontrou pessoas que se importaram com ele. Que tipo de pecado teria esse parálítico? Roubo, amargura, vício, rejeição, somatização? Não sei, mas nenhum pecado que não pudesse ser perdoado e tratado por Jesus, esta é a verdade. Nós como crentes falamos muito da santidade, da busca da nossa pureza, e quanto mais falamos nisso, parece que os pecadores lá fora ficam piores. Nós vamos nos vestindo de uma aura de santidade blindada e usamos os pecadores lá fora como uma espécie de pretexto para atirmos pedra e a gente se sentir cada dia melhor. “Graças te dou porque eu não sou como um desses pecadores” Lembra-se dessa oração? É uma que eu tendo desejo de fazer quando estou bem. É tão bom, mas não é certo. Mas não há pecado que não possa ser perdoado por Jesus. A nossa ótica

inverte. Quando chegamos perto de Jesus e entendemos a nossa própria miséria, olhamos para o criminoso, o bandido, o corrupto, e dizemos: “Esse aí sou eu sem Jesus”. Eu sou capaz das mesmas coisas e talvez piores, se não fosse a graça de Jesus em mim. No mesmo momento que como crentes em Cristo, começamos a abrir as nossas fraquezas e falar das nossas impiedades, e do quanto precisamos de Jesus, nós não compreendemos o outro lá fora. Mas não há nenhum pecado que não possa ser perdoado, curado, sarado, nenhuma doença, nenhuma somatização emocional que não possa ser revertida para a glória de Deus. Que tipo de receptividade esses homens ofereceram? Eles foram pessoas capazes de amar e suprir a necessidade daquele homem, deram ao parálítico uma abertura para confiar sem rejeição à sua ajuda e sem rejeitar *a priori* Aquele que daria a ele o milagre da restauração. Eles fizeram alguma coisa para convencer aquele homem, eles contaram alguma experiência e disseram: “Vamos com a gente”. O camarada não tinha lá muita opção, e tem hora que tem que ser assim mesmo, o indivíduo não quer, não ouve, mas você dá um abraço, dois abraços num bêbado ou num drogado e o convence. Nós temos um trabalho com a recuperação de adictos, com pessoas que passam pela nossa casa de recuperação e lá aparece todo tipo de pessoa. Um dia eu estava andando no meio do mato lá na casa de recuperação onde fizemos uma pista para os meninos trabalharem na mecânica dos carros e assim serem profissionalizados e encontrarem um espaço na sociedade. Ali vi um menino miúdo, com uma foice na mão cortando o mato. Eu perguntei ao líder da casa que estava comigo quem era ele e o que ele fazia com aquela enorme foice na mão. Ele respondeu: “Pastor, o perigo não é a foice, pior ele faz com um revolver na mão; já matou três e não vai preso, só tem quatorze anos, o senhor sabe como funcionam essas coisas. Agora ele está tranquilo aí, pode deixá-lo”. Mas de domingo à noite esses “paralíticos” estão lá na igreja trabalhando na logística. De vez em quando, no final da pregação vem um deles me cumprimentar e eles falam na linguagem deles: “E aí pastor, beleza?” Eu brinco que dou um abraço neles, apalpando em busca de arma. Além dos anjos, nós temos seguranças na propriedade, pois ela tem uma história de que lá era um antro de distribuição de carga roubada e o tráfico de drogas também descarregava toda sua mercadoria lá. No dia da inauguração da tenda, bandidos entraram lá e deram vinte e cinco tiros e o povo estava orando na vigília. Quando compramos a propriedade tivemos que dizer “nos dá licença, nós vamos traficar outra coisa agora, vida, ao invés de morte.” Eu tenho várias experiências desse tipo, um dia no final do culto eu estava cumprimentando as pessoas e veio um menino de boné, com um jeito estranho. Eu sou muito ligado nestas coisas, talvez porque eu sei a peça ruim que eu fui e posso ser sem a graça de Deus. Quando ele chegou perto de mim eu já notei o movimento dos irmãos da igreja que são policiais e que fazem ali o trabalho de segurança. A primeira coisa que eu fiz foi dar-lhe um abraço forte por debaixo dos braços. Ele disse: “É pastor, beleza aí, massa, essa palavra aí foi pra mim, tô dentro!” Logo deu para entender tudo, ele não estava lá para assaltar e nem fazer qualquer mal. Algum tempo depois ele

foi para a casa de recuperação. Eu tenho vários testemunhos de alguns que entraram lá para roubar a igreja e foram convertidos e hoje estão trabalhando conosco. Nós temos também um trabalho com surfistas à beira mar, num anfiteatro aberto e às vezes eu vou lá pregar e vem um bocado de gente.

Voltando ao texto, aqueles quatro amigos estavam lá, onde o doente estava. Nós temos que ir onde eles estão. Eles estão ao seu redor, você tromba com eles. Não estou falando só de bandido, estou usando o exemplo de bandido, mas há tantas pessoas vazias de Jesus quanto qualquer bandido, qualquer traficante. São as pessoas que estão ao seu redor, elas parecem limpas, bonitas, interessantes, socialmente bem resolvidas, bem colocadas; pessoas de intelecto privilegiado, com muita informação, com muitos títulos talvez, mas elas têm o mesmo vazio do paralítico, o mesmo vazio daqueles meninos. Quantos paralíticos físicos, emocionais, espirituais, Deus tem colocado ao seu redor? Quantos são os que têm preconceito de pessoas paralisadas ou deficientes em alguma área da vida? Deus convida os cansados e os sobrecarregados para que a sua igreja os carregue, receba e os conduza ao evangelho de Jesus. O Espírito do Senhor está sobre nós, e nos ungiu para pregar libertação aos cativos. Em Isaías 61 e Lucas 4 Jesus disse: “isso está cumprido em mim”. Jesus encarnou o servo sofredor que recebeu a unção do Espírito para pregar libertação aos cativos. Mas pensem na revelação progressiva, histórica do velho para o novo testamento. Cristo encarna - a unção para libertar - mas Jesus está onde agora? Você pode dizer Ele está no nosso meio. Sim, mas em Hebreus diz que Ele está à direita do Pai em majestade, de forma corpórea. Um dia Ele vai voltar: “Maranata, vem Senhor Jesus”. Ele voltará do jeito que nós o vimos subir. Ele está à direita do Pai em majestade, mas o seu corpo se manifesta aqui e agora através de mim e através de você. Você percebe? Olhe os paralíticos ao seu redor e não os aponte para abstração teológica ou doutrinária. Você é corpo vivo de Cristo na Terra, você é a manifestação do amor de Jesus para as pessoas que estão paralisadas, você é a boca do Senhor proclamando a verdade que liberta, você tem o Espírito Santo de Deus para ser testemunha aqui, em Jerusalém, Jedéia e Samaria e até os confins da Terra. Vamos acolher o bom e o ruim, o certo e o errado, o que preferimos e os que não preferimos. Vamos trazê-lo para a presença de Deus, e também vamos enfrentar os obstáculos como aqueles enfrentaram. Marcos 2.4 diz: “*Não podendo aproximar-se por causa da multidão, eles descobriram um lugar no eirado.*” A eira era um lugar de secagem do trigo, algumas eiras eram colocadas no quintal, outras no teto. Eles abrem um espaço ali e vão descer o indivíduo paralítico por aquele espaço, para ver se caem bem onde está Jesus. Para eles, não há obstáculo. A primeira barreira era humana, eles não podiam aproximar-se por causa da multidão que era composta de interessados, desinteressados, religiosos e demais pessoas. A multidão não abria para os discriminados entrarem, não tinha espaço, talvez era uma forma de preconceito e de exclusão, o espaço era diminuto e ninguém estava disposto a ceder o seu espaço, nem o seu horário, nem a sua agenda. Nada, o que é meu é meu! Nós temos falado isso na igreja batista de Fortaleza,

porque às vezes nós construímos coisas para nós, como o berçário para nossos filhos, banheiros para nós. Antigamente no primeiro templo havia até o banco da família tal. Fulano que doou a mesa tinha seu nome escrito *in memoriam*. Sacerdotes e sacerdotisas de Jesus celebram a ceia que é da igreja e não do pastor. Eu tenho o Espírito Santo e você também tem, então aja em nome de Jesus. A barreira humana só será removida quando pessoas de coração aberto e de mente não preconceituosa concederem que Jesus tem uma Palavra de restauração para o ladrão, o solitário, o viciado, o corrupto, o adicto em sexo, em drogas, em jogo, o homossexual, o heterossexual, o depressivo, o enlutado. Jesus tem uma palavra, e esta palavra está em teu coração, em tua mão, em tua boca, leva, vai lá! Os quatro amigos venceram os preconceitos, enfrentaram os obstáculos e exercitaram fé. Marcos 2.4 diz que não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, eles descobriram o eirado no ponto correspondente ao que Jesus estava e baixaram o leito em que jazia o doente. Os obstáculos para aqueles homens se tornaram desafios. Eles estavam determinados, superaram os obstáculos, a multidão e o eirado. Exercitaram fé, amor e esperança de cura daquele homem, Jesus reconheceu o esforço de quem? Do paralítico? Não, deles! Acho interessante esse texto que não diz que o paralítico foi lá, se entregou a Jesus, exerce fé, nada disso. Jesus olhou a fé dos amigos, e disse: “Eu vou honrar o coração cheio de misericórdia que trouxe o paralítico até aqui. Vendo-lhes a fé dos amigos, Jesus disse ao paralítico: A fé operosa os levou a fazer tudo o que o paralítico não podia ter feito, até que ele fosse curado”. Lembro-me do texto de Paulo escrevendo à igreja de Tessalonica, capítulo 1. Ele disse que aquela igreja tinha uma característica, era uma igreja conhecida por fé, amor e esperança. Paulo disse que a fé era uma fé operosa, fé que funciona. Não é fé que acredita e articula e abstrai na mente as verdades doutrinárias. É fé que dá um passo de obediência, é fé que diz eu vou, eu salto, eu pulo, eu chego junto, eu abraço, eu arrisco, isso é fé. Fé é o que uma criança de dois anos exerce quando um pai diz: “Pula meu filho.” A fé daquela criança é simplesmente um salto.

Quando você racionaliza demais, o evangelho, a vida de Jesus, (vai ter um momento que você vai até racionalizar), mas há um momento em que você vai ter que dar um salto de fé. Soren Kierkegaard falava sobre o salto no escuro. Nós saltamos no escuro de tanta coisa, tantas teorias, tantas filosofias. Jesus pede esse salto de fé. A igreja em Tessalônica era caracterizada como uma igreja cuja fé funcionava, cujo amor era abnegado, não era da boca para fora, era um amor serviçal, como desses quatro homens. Eles não eram articuladores, não eram doutores da lei, da bíblia, mas eles tinham simplesmente tido um encontro com Jesus, recebido da graça, e agora era hora de compartilhar: “Eu era cego e agora eu vejo, pois então vem, porque eu encontrei alguém que me transformou, me perdoou, e vai estar comigo para o resto da minha vida para me ajudar a ser recuperado das minhas limitações e lutas interiores”.

A oposição que ali estava tinha que se manifestar, no finalzinho da história. Os catedráticos da lei, os julgadores de

plantão, não estavam muito preocupados com a vida do paralítico. O assunto é: “Você está infringindo uma regra”. Acusado de blasfêmia por declarar perdoados os pecados de alguém, Jesus estaria se fazendo de Deus. No entanto, a resposta de Jesus é simples e a lógica vai do maior para o menor. O que é mais fácil, perdoar pecados ou fazer um paralítico andar? Se vocês me acusam de perdoar pecados como sendo a matéria de maior escândalo, e reconhecendo que é mais fácil perdoar pecados do que curar um paralítico, então eu te mando: “*Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa*” (Mc 2.11). Jesus responde à argüição intelectual com ato de misericórdia, de amor e certamente arrebatou o coração daqueles homens, “fundiu a cuca”. Qual é o seu posicionamento? Exercício de fé, amor e esperança, nos tira da multidão passiva e preconceituosa e nos leva para um grande ajuntamento dos que amam, atraem conduzem, superam obstáculos, compartilham de graça e levam pessoas ao restaurador e perdoador encontro com Jesus. No fim eles celebraram a restauração do paralítico. Mc2.12: “*Então se levantou e no mesmo instante tomou o leito e à vista de todos retirou-se a ponto de se admirarem todos e darem glória a Deus dizendo: Jamais vimos coisa assim*”.

O nosso Brasil tem crescido em número de evangélicos, a presença da igreja evangélica nos meios de comunicação tem sido como nunca na história. Nunca tivemos tantas igrejas, tantos lugares abertos com nome de igreja. Mas a triste notícia é que nunca fomos tão ineficazes no alcance do perdido. O que está sendo oferecido por aí é um pouco abaixo daquilo que Jesus quer oferecer ao homem, que é misericórdia, amor, transformação real, restauração, e não, milagres baratos que enchem os templos. É o que vem fazendo a igreja romana há anos em Canindé, Juazeiro, Aparecida e tantos outros lugares, levando pessoas que pouco entendem da mensagem da Palavra, que pouco experimentam da restauração moral, da restauração da alma, da sua vida, porque a pregação é ineficaz nesse sentido. Ela é Palavra morta, ela leva para uma alienação, e nós precisamos de pessoas como estes quatro homens que experimentaram a graça restauradora de Jesus e são capazes agora de ir ao mundo, lá fora, tocando pessoas e vendo transformações que vão fazer as pessoas terem a mesma reação: “Nunca vimos tal coisa”. Ah! Aqueles quatro dizendo agora: “Valeu todo o esforço e todo risco, valeu ter perdido o lugar privilegiado, para encontrar um lugar para alguém necessitado. Valeu ter vencido o preconceito, e ter dado um santo jeito para a graça se manifestar. Valeu! Valeu ver um homem restaurado, carregando aquilo que ele carregava, dominando o que ele dominava, e se livrando da paralisia, do pecado que o

mantinha distante de Deus, e das pessoas.” Valerá a pena adaptar-se por um tempo, servir por um tempo, insistir por um tempo, vencer o obstáculo do desconforto por um tempo, carregar alguém por um tempo, deixar de julgar por um tempo, conduzir pessoas para além da religiosidade estéril e demonstrar o amor misericordioso de Jesus. Nós somos o corpo de Cristo adaptados e capacitados pelo poder do Espírito Santo. Vamos buscar os cochos, os aleijados, os paralíticos físico e intelectual, vamos apontar-lhes o caminho da restauração, enquanto nós mesmos vamos sendo impactados e transformados pela graça do maravilhoso evangelho que ocupa o centro e o trono de nossa igreja e de nossa vida. Talvez a pergunta seja: Com qual grupo você se identifica? Fariseus, multidão, paralítico ou os amigos? Ou com qual grupo você gostaria de se identificar? Talvez a gente se pareça um pouco com cada um desses, mas é importante termos uma disposição no coração ao ouvir a palavra de Deus e dizer: “Senhor me faz ter a sensibilidade daqueles quatro homens, renova Senhor o meu amor por Ti, e a noção de que eu dependo da Tua graça, e que eu não posso segurar esse amor que tem que passar por mim”. Somos como canos, se a água não passa ninguém bebe e não há limpeza em nós mesmos. Nossas escolas bíblicas dominicais, nosso estudo teológico, devem produzir em nós mais misericórdia e não mais esterilidade, mais proximidade do pecador e não mais distância, santidade que nos mantém longe das pessoas não é santidade de Jesus, porque Ele andou no meio de pecadores, publicanos e foi rejeitado pelos intelectuais e pelos religiosos, porque fazia assim. Essa é a igreja de Jesus, isto é o que nós queremos ser, este é o desafio desta igreja.

Vamos orar: Oh! Jesus, Senhor dos Senhores, Deus de misericórdia e de graça, faz-nos Senhor erguer os nossos olhos, talvez não para ver os montes de Jerusalém, mas ver os montes de paralíticos físicos, mentais e espirituais que estão ao nosso redor. Como Jesus disse: “Erguei os vossos olhos”, o tempo é esse, a hora é essa. Peço em nome de Jesus que o teu Espírito pegue essa Palavra e crave na mente e no coração de cada um e se transforme em ações: abraços, contato, olhar, cuidado, oração, imposição de mãos, intercessão, palavras simples de testemunho. Senhor, que esta seja a trajetória, a jornada do teu povo, para a glória do Teu Nome. Faz-nos Senhor uma comunidade que inclui e não que exclui, uma comunidade que ama, que recebe, que abre caminho para que as pessoas cheguem até Jesus da maneira mais simples, mais fácil. Te agradeço pelo privilégio de ter compartilhado estas coisas da Palavra e do meu coração. Frutifica, Senhor, pois só o Senhor tem poder para isso. É o que te pedimos em nome de Jesus, amém.